ANO 25.º SEGUNDA-FEIRA, 4 DE FEVEREIRO DE 1946 N.º 8330

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

Cada um no seu lugar

Se a educação tem um valor indubitável, deve preparar os educandos para a vida e não para artifícios e caprichos. Ou por outras palavras: deve revelar as faculdades de cada um e a arte necessária de as aproveitar. Até hoje tem vigorado o sistema de encarar os alunos como se fossem abstrações, adquirindo, nas classes, conhecimentos que nem sempre favorecem a sua vocação e o desenvolvimento natural dos seus dotes.

Que resulta de tão erronea pedagogia?

Um enorme desperdício de tempo, de trabalho e de liberdade mental. A inteligência desabitua-se do seu papel e aplica-se em pura perda, trabalhando no vácuo, sem entrar em contacto com a realidade e os problemas que ela suscita.

Quando só as camadas ricas ou remediadas estão em condições de educar os seus filhos para a conquista do diploma, este «vício» chega a parecer uma virtude. Mas a educação-prenda, a educação-verniz e o falso brilho das altas classificações começam a revelar a sua insuficiência, já que chegámos a uma época em que a escola tem de ser para todos e gratuita, convertendo-se em «serviço social» e deixando de ser o sustentáculo de prestígios envelhecidos.

A sua missão deve cingir-se a isto: —formar pensadores e habilitar trabalhadores, a fim de evitar que haja gente desarrumada, incerta na sua marcha boémia, postulante da fortuna e da preguiça dourada. Contra tal e tão improdutiva acumulação de «pesos mortos», já Ramalho Ortigão escreveu nas «Farpas» algumas páginas em que recomendava ao burguês enfatuado que se acautelasse contra a tentação de imitar a nobreza que se desautorizara, por não poder ou não querer «renovar» o esplendor dos seus brasões.

Não encontramos nós, com muita frequência, indivíduos que «não sabem fazer nada», posto que se julguem aptos para fazer tudo?

Sem sombra de duvida, ninguém os ensinou a descobrir a sua personalidade, isto é: a revelação intelectual ou manual do que podem e carecem de ser. Quando nós, depois de vinte e tantos anos escolares, desde a instrução primária á superior, não nos achamos ainda esclarecidos sobre o emprego dos nossos recursos próprios, divagaremos incertamente como sonambulos, pousando aqui, pousando acolá, á espera da inspiração e do milagre que venham em nosso auxilio.

Quem não conhece o homem do qual se diz:

—«Tem talento ás carradas, todos o sabem, mas não gosta de trabalhar!».

Pobre nomada, a imaginar êxitos ostentosos e a reconhecer dia a dia a inutilidade dos seus sonhos!

Noutras idades, a improdutividade figurava entre os valores dos privilegiados: o servo cavava e lavrava, o burguês comerciava ou industriava e o aristocrata floria no seu orgulho e no exemplo dos seus feitos. Estava certo: ninguém discutia nem disputava os titulos do vizinho. Com o rodar dos séculos, porém, a harmonia feliz dos explorados e dos exploradores desmanchou-se e agora temos de a restabelecer em bases avessas, mais justas.

Cada um, em vez de boiar, de mover sem remos o barco da sua aventura, buscará, após um aprendizado técnico ou cientifico, o lugar que lhe convem, a fim de concorrer, na medida das suas forças e méritos, para o bem comum.

O desacordo *anglo-russo*

preocupa a Imprensa de Londres

LONDRES, 4.—Quem põe em perigo a paz da Europa e do Mundo? Esta pregunta é feita nos jornais britanicos de hoje e cada um deles responde segundo o respectivo ponto de vista. Os orgãos liberais mais importantes —o «Manchester Guardian» e o «News Chronicle»—censuram a campanha anti-britanica feita pela propaganda russa. O jornal comunista «Daily Worker» ataca Bevin e «a politica anti-soviética do Governo britanico».

O «Manchester Guardian» observa que o Governo russo, pela forma como levantou a questão das tropas britanicas na Grécia, mereceu a réplica vigorosa dada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros britanico, Ernest Bevin, no seu discurso na sessão do Conselho de Segurança na sexta-feira ultima. O articulista escreve: «Vishinsky pediu uma resposta em termos correntes e obteve-a. A resposta de Bevin não foi malévola. Foi enérgica mas impregnada de um certo bom-humor. Nada na sua resposta se parece com a incessante propaganda contra a Grã-Bretanha e o Império britanico que, como Bevin disse, é rádiodifundida diáriamente de Moscovo e que não é publicada na Imprensa britanica apenas por ser enfadonha e muito longa. Mais cedo ou mais tarde isso tinha de receber uma resposta e era melhor que fosse mais cedo e que fosse dada com toda a clareza, pelo próprio ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo britanico».

Declarando que Bevin não teve di-

(Continua na 8.ª pag)

Gago Coutinho chegou ontem do Brasil, mas voltou hoje a bordo do «Serpa Pinto» para despachar malas e bagagens. A reportagem foi surpreendê-lo no regresso nessa tarefa matinal

DEPOIS DO ARMISTICIO

A' procura de um milhão de soldados alemães

que se julgou terem-se perdido no território do Scheleswig-Holstein

(Por Pierre Frederix, especial para o «Diario de Lisboa»)

A acreditarmos numa informação de origem russa, o marechal Montgomery não se contentaria em ser um grande general e um dos mais notáveis vencedores da Alemanha. Seria, também, um general prestidigitador! Com efeito, teria conseguido «esconder», no Scheleswig Holstein, um exército alemão de um milhão de homens, com armas e bagagens.

Um milhão de homens, é de respeito...

—Que história fantástica é esta?—perguntei a um amável capitão britanico que tem por oficio saber quase tudo.

O capitão britânico, amável, respondeu-me com um sorriso divertido:

—Leu as declarações feitas a propósito na Camara dos Comuns...

—Li, sim. Falou-se de 148.000 soldados alemães no Schleswig Holstein, sem compreender os 99 mil homens do «Korps Stockhausen». Há dias, porém, falaram de 520 mil homens. No outro dia já eram 293.000, dos quais 16.000 numa «zona de concentração» perto da fronteira dinamarquesa. Devemos concluir que há ainda meio milhão de alemães não desmobilizados, na zona britânica, encontrando-se cerca de metade no Schleswig Holstein?

O amável capitão esfregou o nariz.

—Francamente—disse—não sei mais que o senhor.

Larguei para Hamburgo e pedi para me avistar com um general inglês, comandante no Holstein. Infelizmente, porém, «o general não estava nem estaria nos dias seguintes». Bom. Quis voltar-me para o general alemão encarregado de fiscalizar, sob vigilância britanica, a desmobilização da Wehrmacht. Durante duas horas, telefonou-se, em meu nome e sempre com a maior amabilidade deste mundo, aos quatro centros da zona britânica. O general alemão não estava mais longe do telefone que um cento de metros, do outro lado do Amstel, mas a sua repartição afigurou-se-me melhor guardada, que o palácio do rei de Inglaterra, em Buckingham.

Passados dois dias, retomei o meu caminho para norte.

Peço desculpa ao marechal Montgomery, mas na falta de «declarações oficiais», aqui vai a história como a contam no Schleswig Holstein.

Os restos da «Wehrmacht»

Nos principios do mês de Maio do ano passado, os restos de vários exércitos alemães refluiam para norte de Hamburgo. Apertada, por leste, pelos russos e, por sul e oeste, pelos britanicos, a multidão dos soldados enveredou para a peninsula de que a Dinamarca ocupa os extremos. Mais tarde as tropas alemãs estacionadas na Dinamarca e na Noruega vieram fundir-se com aqueles soldados desbaratados e assim se encontraram ali reunidos um milhão e meio, talvez de homens. Quinze dias depois do armistício, quando o ultimo «Governo do Reich» foi dissolvido, e o almirante Doenitz preso com o general Jodl, em Flensburg, os alemães pareciam ser dez vezes mais numerosos que os britanicos.

(Continua na pag. central)

Organizações regionais

Criada sob o signo da força a O. N. U. começa a manifestar sinais inequivocos de impotência. A primeira reunião da sua Assembleia não é de molde a encorajar os que fiavam dela á construção da paz. Descontados os inconvenientes que resultavam da redacção e do espirito da Carta de S. Francisco restavam duas constantes favoráveis no balanço geral das vantagens e inconvenientes que uma apreciação desapaixonada das realidades não podia deixar de reconhecer: a presença no organismo de segurança das duas mais fortes potências do mundo, os Estados Unidos e a U. R. S. S., cuja falta sempre se fizera sentir em Genebra, e a possibilidade de facilitar por um conhecimento mais perfeito dos homens o estreitamento sincero das relações entre os países que eles estão encarregados de representar.

O presidente da delegação soviética não assistiu á primeira parte da reunião, aquela em que foram preenchi-

(Continua na pag. central)

Os fascistas italianos organizam a resistência

LONDRES, 4—Um exército de resistência, planeado por Mussolini há 12 anos, pronto a combater no caso da Era Fascista vir a ser um dia derrubada, está a espalhar-se por toda a Itália, segundo relata o jornal londrino «The Daily Mirror».

O exército, bem apetrechado e poderoso, é constituido por milhares de homens fortes mas, segundo diz o mesmo jornal, a sua política actual parece consistir em continuar a manter-se como organismo secreto, muito embora os seus objectivos já tivessem sido desmascarados. «Eles são, continua o jornal, «o restabelecimento do Fascismo».—(U. P.).

SILHUETAS MUNDIAIS

Vinte e cinco anos de box...

ou os progressos de Tenet

1921 ..... 5 francos! 1946. 500.000 francos!!

Foi nos arredores de Lião, no sitio denominado Brotteaux, bairro populoso, terra de lavor e por vezes de miséria, que nasceu Edouard Guillaume Tenet, em 1907. E sobre um ceu perpetuamente triste e nebuloso a sua infancia decorreu como os dias sombrios e monótonos da época. Se não fora, a sua aplicação ao estudo, para o qual de resto era aluno aplicado e tranquilo, nada haveria a assinalar.

Em 1921, portanto decorridos 14 anos, «Doudou»—era assim que os companheiros de colégio o apelidaram—continuava na senda da vida, sem ter ainda nascido para o desporto da «nobre arte». Mas, dá-se em França, por esta altura, um movimento unico, uma formidavel e intensa propaganda do box, consegue atrair algumas centenas de jovens á causa. Pode mesmo afirmar-se que este acontecimento, de incontestável vulto, marcou uma época,—o começo de um desporto que capta hoje a simpatia de alguns milhares de entusiastas.

E, como todo o «rapazio» daquele triste e velho bairro dos arredores de Lião, o jovem Tenet entusiasmou-se a fundo pela modalidade. De resto, em toda a Europa não se falava noutra coisa. O combate Carpantier-Dempsey é o assunto culminante de todas as conversas. Diga-se de passagem que a luta foi, sem duvida, cotada como a melhor do século.

Daqui em diante, aquele rapaz tranquilo e aplicado ao estudo, não se reconhece jamais... A sua vista, ao deparar com umas luvas de seis onças, turva-se. O seu espírito torna-se rebelde, verdadeiramente batalhador — como em toda a sua vida de «boxeur» o foi. A' sua mente surgem, apenas, as ideias de um combate, de uma luta sem treguas, onde possa demonstrar o que lhe vai dentro da alma.

E finalmente tem a ocasião unica de o fazer. Numa velha e obscura sala que improvisaram no bairro Brotteaux e quando a sua idade apenas oscilava entre os 14 e os 15 anos, Tenet realiza o seu maior e unico desejo: combater!

Consciente da sua força e com a plena convicção do êxito seguro dos seus punhos, apesar de lhe terem fornecido umas luvas velhas, cuja crina e enchumaços estavam verdadeiramente esfarrapados, o jovem Tenet conseguiu vencer o adversário, um lutador como ele e cujo peso não ia alem de 39 quilos. Quere dizer: mais uns centos de gramas do que Tenet—e tudo isto para ganhar uma bolsa de 5 francos!

Afinal, segundo rezam as crónicas da época, o pequeno e ousado lutador valia já naquela altura mais do que a modesta moeda de 5 francos.

Depois deste triunfo absoluto, que entusiasmou os «habitueés» da primeira fila no desporto do box, o professor Bernard Meer—hoje homem dos seus 70 anos e senhor de vastos conhecimentos na modalidade—tomou conta do seu novo «pupilo» e em tão feliz hora o fez que, passados 25 anos (1921-1946), Eduard Tenet conseguiu atingir a craveira de um verdadeiro campeão.

E' de facto na «nobre arte» não se atinge um lugar de relevo se não se tiver um estudioso e sabedor mestre e não se for um apaixonado e zeloso cumpridor dos deveres que o box impõe.

Hoje, depois de tantas e tantas lutas e quando do combate que há bem pouco tempo ainda realizou com Cedan, naquela pequena festa de homenagem que se efectuou antes, o publico francês cumulou-o de gentilezas. As lágrimas brotaram-lhe dos olhos, relembrando, quem sabe, os aplausos que no ano de 1921 ouviu pela primeira vez, quando «menino e moço» ingressou na «nobre arte».

Pode dizer-se que foi uma festa familiar, de cunho privado e de sensibilidade cativante. Eduard Tenet bem o mereceu. o box perde nele um dos seus melhores praticantes.

«Doudou» pensa retirar-se da actividade, talvez ainda este ano. E, nesta altura, como na primeira hora, na sala velha e obscura daquele famoso bairro de Lião, Tenet lembrar-se-á que para singrar numa carreira desportiva difícil, como é a «nobe arte», não é só preciso aumentar em peso e poder de soco com também as bolsas dobrarem,— pois no combate Cerdan-Tenet este ganhou a pequena soma de 500.000 francos—mas sim subir degrau a degrau, pacientemente, com inteligência e esforço próprio.

JOSE' BATALHA

Oportunidade

Estrangeiro já ligado a português, relacionado com importantes casas americanas, está interessado em colaboração com capitalista que disponha de 80 contos. Dão-se e exigem-se referências. Resposta ao «Diário de Lisboa», Rua da Rosa 57, a H. M.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS, vias urinárias—Venero—Sifilis
Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
Telefone 2 9062

"RIALTO BRANDY" Telef. 6 41 68.

Barrigana está em posição de defesa. Mas a bola não chega ás suas mãos, pois é interceptada por um defesa. Em qualquer hipótese, Rafael nunca poderia passar. Tem na sua frente três homens do Porto!

NAS SALESIAS

Desafio emocionante

entre os campeões de Lisboa e do Porto

Na «équipe» belenense estreou-se um junior da época passada o qual marcou as 3 bolas

Há «goals» que surgem na melhor altura e que podem, só por essa circunstancia, levar uma «équipe» ao triunfo. Por exemplo: o primeiro ponto do Belenenses no jogo de ontem, nas Salesias, contra o F. C. Porto.

Não foi a bola da vitória (o Belenenses ganhou, como se sabe, por 3-2); mas foi, sem duvida, a que abriu caminho para ela. Por ser a primeira? Não. Pelo estado de espírito que criou nos lisboetas, que tinham momentos destes—menos de um minuto —sofrido segundo tento portuense.

O quadro apresentava-se carregado, de cores sombrias, para os belenenses. Privados de Feliciano e com um avançado-centro que era ainda uma incógnita, o campeão de Lisboa perdia, ao quarto de hora. por 2-0!

Os visitantes haviam, nesse período, jogado com mais clareza e, sobretudo, com mais perigo. A acção de Araujo, esse grande jogador do F. C. Porto, candidato sério á internacionalização, fora decisiva. Conduzindo e orientando o jogo e marcando um «goal» soberbo—um «goal» que foi, com uma defesa de Capela no segundo tempo, o melhor do desafio...

O 2-0 contra Belem deve ter feito tremer os seus adeptos. Logicamente. Mas o que se passou depois impressionou. O «team» local reagiu prontamente cerrando o ataque. Teve a sorte de, logo a seguir, marcar o tal «goal» e reduzida a desvantagem para uma bola forçar ainda mais, se possível, o papel ofensivo. Se o primeiro tento não tem aparecido em momento tão oportuno, talvez que não fosse fácil a recuperação belenense. Todo o «team» se atirou, em bloco, para a frente. Os jogadores despendiam energia a rodos, num redobrar de esforços onde ardia viva a chama da sua fé belenense. Foi grandioso o momento. E o empate surgiu e a vitória só não se desenhou mais cedo porque Rafael perdeu, por tardar a rematar, uma ocasião de «bandeja» e Barrigana executou um par de belas defesas. O F. C. Porto, todavia, dominado, desorganizado pela avalanche belenense — viu-se Vasco ir do lugar de defesa direito até ao de extremo esquerdo!—não arredava pé, permanecia firme no caminho dos «azuis», dando-lhes luta, forçando-os a cuidar da defesa. O jogo perdeu em técnica, em ordenação, em trabalho de conjunto, o que ganhou em emoção. em espírito de luta, em abnegação. Ao intervalo, com 2-2, devia haver já muitos espectadores com os nervos desfeitos...

Toda a segunda parte foi do mesmo tom. O Belenenses apareceu sem Gomes, que se lesionara no final da primeira metade; não demorou o seu regresso, mas em condições físicas precárias a «équipe» quase não podia tudo, os lisboetas atacavam forte. E se é certo que os avançados, especialmente Eloi, complicavam o jogo, não é menos verdade que pertencia ao Belenenses o comando das operações. Barrigana teve de realizar duas defesas de categoria e de se manter sempre atento. Mas o F. C. Porto não se rendia. Araujo, sempre ele, pautava o ataque e este, por vezes, ameaçava Capela.

Todavia, aos dezoito minutos, os lisboetas marcaram o «goal» da vitória. Pois, imediatamente, a «équipe» se desorganizou porque Gomes teve de ir para extremo esquerdo, Rafael para interior e Quaresma para... médio centro! E nos vinte e cinco minutos que ainda restavam, a emoção subiu em labaredas aliás, consumindo tudo e todos, mantendo as gentes subjugadas ás contingencias da luta. O F. C. do Porto investia, com os movimentos mais livres; o Belenenses defendia corajosamente a sua vantagem. E neste choque de vontades, neste duelo magnifico, belo, onde a luta desportiva atingia inexcedivel beleza, não havia espectador que não sofresse...

O empate esteve á vista. Como á vista esteve novo ponto belenense. O primeiro evitou-o Capela com uma defesa simplesmente extraordinária, quase inacreditável; o segundo evitou-o Barrigana... e os próprios avançados belenenses, desperdiçando situações. Nesta incerteza de resultado chegou o fim. O Belenenses vencera, arrancara o triunfo a ferros, e o publico estava cansado...

Foi assim o desafio das Salésias, cujos ecos não se apagarão cedo porque há dois pormenores que ficam para muito tempo na retina: o «goal» de Araujo e a defesa de Capela.

O Belenenses apresentou a avançado-centro um junior da época passada .«Mestre» Augusto Silva foi lá arrancá-lo e o rapaz, cheio de habilidade—no segundo tempo teve pormenores de jogador feito—pode cometer uma proeza singular: marcar todos os «goals» da «équipe»! Não podia ter estreia mais auspiciosa. Não podia começar melhor a sua carreira. E o Belenenses continua a mostrar que não é inutil o seu trabalho em profundidade.

O árbitro do desafio esteve bem no primeiro tempo, ainda que permitisse a Vasco algumas irregularidades de braços. Na segunda parte não satisfez. Consentiu muito lance de defesa á margem das leis (como um derrube de Armando, perto das balizas do F. C. do Porto), não assinalando na grande área faltas identicas a outras que punia a meio campo. O eterno problema...

Excelente todavia o seu critério no julgamento das «mãos». Apesar dos protestos do publico, o juiz de campo não castigou uma unica falta desse contar com a sua colaboração. Congénero involuntária.

MANUEL MOTA

ESGRIMA

Comentários

à assembleia da F. P. E.

Foi bem recebida no meio esgrimistico a composição dos novos corpos gerentes da F. P. E. Sobretudo pelo que se refere a alguns dos lugares de maior responsabilidade, como sejam as presidencias da assembleia geral, da direcção e do conselho fiscal, entregues respectivamente aos srs. general Vieira da Rocha, Mario de Noronha e coronel Silvão Loureiro— três individualidades ás quais o desporto das armas deve serviços valiosos—o resultado da eleição satisfez plenamente. Na realidade, a escolha corresponde, no momento em que vai dar-se começo aos trabalhos de preparação para os Jogos Olimpicos, a cabal garantia de uma orientação criteriosa para os interesses da esgrima nacional.

—Outro cargo de grande importancia, particularmente pelos termos da nova lei estatutária da Federação, é o de presidente do conselho tecnico. Prenche-o uma figura de grande prestigio: o antigo campeão e atirador olimpico António de Mascarenhas Menezes. Foi felicissima a escolha, entre outros motivos pela sua autoridade e conhecimentos vastos do difícil desporto que é a esgrima. A colaboração que receberá de Frederico Paredes, Pereira de Castro e Amenio Lopes representa outra excelente garantia de êxito na actividade tecnica da F. P. E.

—Desta feita, o arranjo do elenco directivo da F. P. E. encerrava certa dificuldade, pelo facto da situação de membro dos corpos-gerentes ser incompativel com a de concorrente a torneios oficiais. Para os laboriosos lugares de secretário e vice-secretário também a escolha mereceu aplausos gerais. Recaiu em dois elementos nos quais se deposita confiança segura: Mário Rocha, dinamico presidente do Lisboa Ginásio Clube, onde tem desenvolvido obra deveras notável, e alferes França de Carvalho, um jovem oficial pouco conhecido nos meios esgrimisticos, mas possuidor de qualidades invulgares de organizador e orientador.

—José Rei, cujo entusiasmo pela esgrima se tem afirmado de dia para dia, sacrificou as suas aspirações como atirador para preencher um cargo ao qual compete trabalho de certo modo aturado: o de vogal—ou seja o elemento de ligação entre a direcção e o conselho técnico, e a que corresponde a missão de pôr de pé os torneios e competições, sob as directrizes fixadas por aquele conselho. Faz a sua estreia como dirigente na modalidade, mas gozando da confiança das salas de armas.

—Entre os membros dos anteriores corpos gerentes que não figuram nos eleitos recentemente salienta-se a figura inconfundivel do professor dr. Rui Mayer. Preferindo conservar a sua liberdade de acção como atirador, garante á esgrima nacional o mesmo concurso valiosissimo que tantas vezes lhe tem prestado, com superior e avisado critério, nas mais difíceis missões de dirigente.

—A ultima assembleia da F. P.E. foi a que reuniu, até hoje, mais avultada representação de salas de armas. Das dezassete que se encontram filiadas compareceram nada menos de doze. Das cinco ausentes, porém, houve duas que se abstiveram de tomar parte no acto eleitoral, por força dos regulamentos que as regem, e uma acaba de suspender a actividade.

—A eleição de Adolfo Basto Correia para sócio honorário da F. P. E. foi aprovada com uma vibrante aclamação. Isto traduz eloquentemente a simpatia com que foi acolhida a proposta apresentada naquele sentido—e a justiça flagrante da homenagem prestada a quem, personificando dedicação e sacrificio extraordinários pela esgrima, é há muitos anos o mais activo propagandista deste desporto na capital do Norte.

—A Federação de Esgrima entrou em vida nova. Os seus recem-escolhidos orientadores não têm ainda sancionada, oficialmente, a sua nomeação, mas vão entrar já em trabalhos preparatórios, porque urge ganhar tempo. As salas de armas, por sua vez, estão em franca actividade e aguardam as directrizes necessárias para a sua movimentação geral durante a época. Aguardemos também um pouco e saberemos com que contar.—A. M.

DESPORTOS

No Estádio do Lumiar

Quando os avançados não rematam

o dominio não serve para nada

Os algarvios dominaram territorialmente e em organização, mas perderam ...

Um bom salto de Loulé, sendo o lance seguido por Cordeiro, Salvador e Barrosa

Peyroteo resolveu o pleito. Uma recolha de bola, a marcação de alguns passos para acertar o remate, e um golpe mortal enviado ás redes. Pronto. O desafio acabara-se. Todo o resto eram fantasias! Certo, o Olhanense dominava no ponto de vista territorial, e talvez em organização, e mesmo em plano de jogo, mas isso não tinha a mais leve importancia, porque o grupo revelava ao mesmo tempo a mais confrangedora falta de remate.

Não sabemos o que sucedeu com as outras pessoas que assistiam ao encontro. Mas nós bem vimos, pela nossa parte, que os algarvios não tinham poder para dominar a defesa adversária, criando a situação de goal certa e fatal. Até á área perigosa, sob a impressão dos interiores e dos médios que jogaram essencialmente ao ataque, e cabe aqui dizer que o desafio de ontem nos forneceu uma bela exibição desta linha média, os olhanenses jogaram muitissimo bem: bolas bem passadas, desmarcações e fintas, destresa de execução e toques primorosos. Uma vez próximo das redes, esse jogo transformava-se por completo. Perdendo a luminosidade para passar a ser uma coisa confusa e embrulhada. Há, no ataque algarvio, pés excelentes, do melhor que temos no futebol, mas de uma timidês de remate a toda a prova. Um exemplo entre outros, o caso de Cabrita.

Porque a verdade é esta! O Olhanense está um grupo igual aos melhores. Tem troco para todo o jogo. Presença em campo. Mas domina e não ganha, como já vimos em Olhão contra o Benfica, o lisboeta que passou por milagre. Com franquesa: custa ver um bom grupo jogar bem, invadir o território do adversário, ter a bola nos pés durante mais tempo, e no fim e ao cabo perder o desafio e os dois pontos da ordem. Por causa de quê? Porque o Sporting tem um homem chamado Peyroteo, a melhor lamina do nosso futebol. Seria interessante fazer a estatistica dos desafios ganhos pelo Sporting devido á iniciativa do seu famoso avançado-centro...

Tal como jogou, o Sporting não podia deixar-nos boa impressão. Ainda se pudessemos separar o grupo em duas partes—e porque não?—a defensiva e a ofensiva, poderiamos atribuir á primeira boa nota. O bloco da defesa soube cerrar fileiras, livrando-se com o sorriso nos lábios de muitas situações de apuro. Cardoso joga com a batuta na mão. Chegou a dar-nos a impressão de meter o adversário no compasso que lhe convinha. Por outro lado, a linha média sportinguista trabalhou infatigávelmente, remindo os seus erros com a energia caracteristica dos médios, as vitimas do futebol.

Mas o ataque quase que não ligou uma avançada. A atenuante do enfraquecimento do avançado-centro não chega para justificar trabalho tão inferior. A asa direita ainda escapou mas a esquerda foi um verdadeiro desastre. Poder-se-á objectar que, quando se ganha, tudo está certo. Ora, não é bem assim. Os triunfos devem andar acompanhados por bom jogo e por merecimento. Caso contrário, não correspondem á verdade, e cedo ou tarde surgirá a luz reveladora.

Salvador foi o elemento mais fino do conjunto de Olhão. Teve passagens modelares. E pequenos toques que são uma perfeição. Já do extremo-esquerdo nada se pode dizer de bom. O outro interior, Joaquim Parelo, também é jogador de toques, de efeitos e de fintas. O Olhanense precisava de ter um meia-ponta de jogo diferente. Moreira não consegue cortar o terreno na direcção das balizas—o que nos parece incompreensivel, dada a sua corrida e a facilidade de embalagem. De Cabrita já se disse o suficiente. Hesitamos na escolha do melhor médio, se Grazina, se Loulé. Defesas e guarda-rede seguros.

No Sporting, Barrosa é a unidade que está a crescer. E bem precisa o grupo de um médio-centro á altura. Batalhador, enérgico e com magnificas reacções. Os companheiros das asas portaram-se igualmente muito bem. A defesa, um primor. De Armando Ferreira, como de Albano, deve exigir-se muito mais. Os interiores jogam sempre na mesma posição, sem troca de lugares e sem desvios. Não pode ser. De Peyroteo nada mais se pode dizer do que isto—ganhou o encontro. E' pouco, porventura. Mas do mal o menos.

TAVARES DA SILVA

PRIMEIRA DIVISÃO

As vitórias do Benfica da Académica e de Guimarães

e o empate Oliveirense-Atlético

Dos jogos efectuados fora de Lisboa, o mais importante era o «Boavista-Benfica».

O grupo lisboeta apresentou-se no Porto com a falta de duas pedras importantes—Gaspar Pinto e Moreira—e êsse enfraquecimento do bloco defensivo podia trazer consequências desastrosas, visto que o seu adversário, o Boavista, tem precisamente um ataque bastante perigoso. Além disso, o Boavista ainda não perdera uma só vez em casa, na presente temporada, e contava com o apoio decidido do publico.

Os percalços sucedidos ao Sporting, ao Oliveirense, á Academica e ao Vitória de Setubal, faziam pensar em dificuldades sérias para os campeões nacionais.

Afinal correu tudo da melhor maneira, e o Benfica regressou do Porto com uma excelente vitória (4-2) e depois de ter feito uma exibição devidamente realçada pela crítica do Norte.

O Benfica foi um bom vencedor. Ganhou a partida com merito absoluto, e teve o condão de convencer o publico portuense, que até agora sofrera uma certa desilusão com os jogos disputados pelos visitantes anteriores.

Na primeira meia-hora de jogo, o Benfica lutou com grandes dificuldades e a sua defesa nem sempre esteve á altura da situação. Mas depois, melhorou, e ao intervalo ganhava por 2-0, margem com que por certo não contava.

No segundo tempo, o Boavista conseguiu chegar ao empate no primeiro quarto de hora e espevitado pelo entusiasmo do publico apertou a valer.

O jogo ganhou grande emoção, mas o Benfica não se perturbou com a marcha dos acontecimentos. Aplicou-se ainda com mais empenho do que anteriormente e pôde confirmar a velha regra da vantagem decisiva para quem chegar mais cêdo ao terceiro «goal».

Consolidou, portanto, a vitória e ainda aproveitou outra oportunidade para tornar o resultado mais expressivo.

O comportamento do Boavista foi inferior ao habitual, para o que deve ter contribuido não só a má tarde da defesa—com o guarda-rêdes cheio de nervos e os defesas indecisos e preocupados com a incerteza do seu companheiro—mas a falta de Armando na linha de ataque.

Nos jogos anteriores, a boa carburação da «equipe» deveu-se essencialmente ao entendimento perfeito destes três elementos: o medio centro Serafim e os dois interiores, Armando e Caiado.

A ausencia de Armando no jogo de ontem provocou alterações, e a experiencia de Serafim no papel de interior não provou bem.

Foram factores decisivos para a vitória do Benfica a infatigavel energia de Francisco Ferreira, que acudiu a todos os lados nos momentos de apuro da fase inicial, e a excelente exibição de Espirito Santo.

O avançado-centro do Benfica, em retorno brilhante de forma, parece disposto a reeditar antigas proezas.

Desorientou e desorganizou a defesa adversária com as suas fintas, as suas jogadas subtis, os seus arrancos rápidos, deixando no Porto um excelente cartel.

Resumindo: o Benfica que em face do comportamento anterior partira de Lisboa com sérias apreensões sobre o desfecho da partida pois não podendo contar com o concurso de todo os seus homens, soube enfrentar os acontecimentos e regressou a casa com um belo resultado.

* * *

A estreia do Sport Lisboa e Elvas, em Coimbra, proporcionou um jôgo animado. Os estudantes mereceram a vitória, mas o resultado final foi expressivo em demasia. O grupo visitante não merecia punição tão severa.

Os elvenses encontraram um belo extímulo, no «goal» que marcaram logo no primeiro minuto de jogo, e durante o quarto de hora inicial exibiram boa movimentação e conseguiram perturbar a defesa dos estudantes.

Depois foram dominados e a Academica pôde evidenciar melhor tecnica, tendo chegado ao intervalo com o excelente resultado de 4-1. Um destes «goals» foi metido com as mãos, mas o arbitro não deu por tal.

No segundo tempo a Academica limitou-se a fazer um «goal», embora os elvenses cedessem mais terreno, denunciando certa fadiga. A linha de ataque dos visitantes mostrou boa ligação e revelou aptidões que só uma mais larga experiência podera valorizar devidamente.

No grupo de Coimbra, os elementos mais em foco foram os dois extremos—Lemos e Angelo—dois jogadores velozes e cheios de habilidade, cujo concurso foi precioso.

* * *

No jogo disputado em Albergaria, o Atletico não conseguiu ir além do empate com os rapazes do Oliveirense. Dminio repartido, mas maior consistência tecnica do lado do Atletico.

O grupo visitado jogou sempre com ardor e entusiasmo, e encontrou ambiente favoravel á volta do rectangulo.

Ao intervalo havia 0-0. No começo da segunda parte o Oliveirense sofreu um «goal», em seguida á marcação dum castigo que fez tabela nas pernas dum proprio jogador que defendia não seguindo ao seu destino, mas pouco depois estava estabelecido o empate.

Vencidos e vencedores ficaram excelentemente impressionados com a tarefa do árbito, Anisio Morgado.

No «onze» do Atletico reapareceu Baptista, mas no posto de medio direito, visto que a parelha Castro-F. Lopes tem provado também nos ultimos jogos que não se julgou conveniente a sua mudança.

* * *

O encontro de Guimarães, disputado com muita gente nova e rápida, teve de entrada grande velocidade.

Até ao intervalo o jogo decorreu com equilibrio, e o resultado de 1-1 justificava-se plenamente. No segundo tempo, continuou acesa a luta entre os dois grupos. Chegou-se ao 2-2, que seria talvez o resultado mais justo, mas a cinco minutos do fim, os vimaranenses conseguiram com felicidade o tento da vitória.

A luta deve ter agradado ao publico, pois teve vibração e entusiasmo.

RIBEIRO DOS REIS

RELÓGIOS DE CATEGORIA
TORROAES
(RELOJOEIRO DE CONFIANÇA)
123 — Rua da Prata — 131
TELEFONE 24210

Artes decorativas
EXPOSIÇÃO PERMANENTE
LOJA-CAVE-1.º ANDAR

SEGUNDA DIVISÃO

Acabou a 1.ª volta

Ha ainda 12 clubes sem derrotas

Ficou ontem concluida a primeira metade da fase inicial do Campeonato Nacional da II Divisão. Não é dificil já descortinar os clubes que se apresentam com maiores probabilidades de passar á parte mais importante do torneio. Podemos citar alguns nomes: Leixões, Famalicão, Salgueiros, União de Coimbra, Marinhense, Estoril Praia, C. U. F., Ginásio do Sul, Barreirense, Portimonense. São estes os que nesta altura têm posições mais invejáveis.

A segunda volta das séries de apuramento começa no próximo domingo. Decorrerá, como a primeira, com interesse e animação e proporcionará, por certo, surpresas... capazes de destruir todas as pretensões de um ou outro.

Vejamos, de relance, o que deram os quarenta e um desafios ontem disputados, colocando em acção mais de novecentos jogadores.

* * *

No grupo A, o resultado mais surpreendente é, sem duvida, a vitória do Sporting de Fafe (3-1) sobre o Sporting de Braga. Os bracarenses não haviam ainda tido derrotas... e sem esta derrota ter-se-iam colocado á cabeça da classificação na sua série.

O Leixões vincou bem a sua superioridade (16-0) sobre o União de Paredes. Saliente-se a vitória (1-0) do Ermezinde sobre o Ramaldense e a do Sporting de Espinho sobre o Leça (2-1), esta capaz de insuflar novo animo aos espinhenses, que têm sido manifestamente infelizes. O União de Lamas e o Famalicão creditaram-se dos melhores resultados.

* * *

No grupo B não se registaram resultados que signifiquem grande desnivel de valores. E, a avaliar pelos «scores», deve, até ter havido lutas muito equilibradas, como o Sanjoanense-União de Coimbra (2-3), o Marinhense-Naval 1.º de Maio (1-0).

De surpresa, a primeira derrota do Futebol Benfica, para mais sofrida em casa.

* * *

No grupo C, onde estão nove «équipes» lisboetas, sete defrontaram clubes de fora de Lisboa. Destes só três conseguiram vencer: Estoril Praia (com o melhor resultado do dia), C. U. F. (a vincar menos nitidamente do que se esperava a sua superioridade) e o Sacavenense (certamente a desejar a fim do encontro).

Perderam: o Chelas, no Bombarral; o Operário, em Palmela; o Fósforos, contra o Barreirense; o Olivais, em Almada. Não se pode dizer que a jornada tenha corrido de feição para as «équipes» da A. F. L.

O comportamento do Palmelense é, até, de realçar, tal como o do Luso do Barreiro contra o Lusitano de Evora.

* * *

No grupo D, a prova continua a fornecer fartos motivos de interesse. Devem salientar-se as vitórias do Portalegrense sobre os Covilhanenses (6-0), a da Casa do Povo de Abrantes sobre o Campomaiorense (2-1), a do S. L. Castelo Branco sobre o Sporting da Covilhã (7-0)

No Baixo Alentejo houve equilibrio. No Algarve, o Portimonense continua a sua excelente carreira ao mesmo tempo que o Farense não corresponde.—D. D.

Organizações regionais

(Continuação da 1.ª pag.)

dos os corpos directivos que hão-de fazer funcionar o mecanismo societário: mesa da Assembleia, lugares não permanentes no Conselho de Segurança, Conselho Económico e Social. O vice-comissário, Vishinsky, aguardava que a crise interna do Irão evolucionasse num sentido favorável para o seu país antes de fazer a sua aparição no cenário de Central Hall. O presidente da delegação norte-americana abandonou Londres quando a sessão da Assembleia se transformou num diálogo anglo-soviético, em que os argumentos de propaganda tomaram rápidamente o passo á análise objectiva dos factos. A primeira vantagem invocada, com fundamento, para justificar as esperanças depositadas no funcionamento eficaz do novo sistema de cooperação, foi anulada deliberadamente pela vontade dos homens. A segunda não tardou a degenerar num grave inconveniente perante o duelo de influências e o antagonismo de temperamento que encontrou a sua expressão mais flagrante no tom da discussão travada entre os chefes das delegações britanica e soviética.

A Grã-Bretanha e o continente

Perante os destroços acumulados por uma oratória tempestuosa, as grandes potências procuram ensaiar métodos diferentes para remover as dificuldades que continuam a acumular-se no caminho da paz. Esses métodos, que não deixarão de se acentuar no dia em que a O. N. U. se instalar definitivamente nos Estados Unidos e os soldados do general Mac Narney tiverem transferido os poderes que a vitória lhes confiou ás autoridades alemãs, interessam directamente á Europa e ao seu futuro.

A tradição do Foreign Office acaba de alcançar uma vitória sobre o espirito inovador do Conselho Executivo do partido trabalhista com a nomeação de sir Alexander Cadogan para o cargo de representante permanente da Grã-Bretanha no novo organismo de segurança internacional. Com essa nomeação coincidem as primeiras manifestações da opinião publica britanica a favor duma politica que anime o aparecimento de organizações regionais nos Balcans e no Médio Oriente. Simultaneamente, nos meios afectos á delegação soviética em Londres, começa a circular a versão de que só o regresso ao regime de conversações directas entre a Grã-Bretanha e a U. R. S. S. pode evitar o agravamento da crise latente entre os dois países desde que cessaram as hostilidades.

A diplomacia britanica não ignora que a Grã-Bretanha, abundantemente sangrada na sua economia e atingida no seu equilibrio social por uma guerra custosa e por um ensaio de nacionalização das suas fontes de produção, precisa dum largo periodo de trabalho para recuperar o caminho perdido em seis anos duma luta sem precedentes, na qual lançou todos os seus recursos e energias. Esclarecida pela sua experiência e pela lição recente dos acontecimentos, ilustrada pelo exemplo eloquente da França, sabe que poderá continuar a fazer uma politica imperial activa, na medida em que fizer uma politica continental inteligente. Por isso o regresso á Entente Cordiale é o primeiro postulado da politica externa da Grã-Bretanha neste momento e os acontecimentos da vida francesa são seguidos em Londres com um interesse crescente e uma ansiedade compreensivel.

Antecedentes pouco encorajadores

Que viabilidade tem, nesta fase da evolução caleidoscópica do quadro internacional, a sugestão para ressuscitar nos Balcãs e no Médio Oriente os timidos ensaios de organizações regionais que depois da primeira conflagração mundial tiveram uma existência efemera e atribulada? A Pequena Entente, a Entente balcanica e a renunciada Liga Arabe não são antecedentes encorajadores para o regresso a uma fórmula que depara com a hostilidade inequivoca da U. R. S. S. A atitude dos partidos da oposição na Roménia e na Bulgária e os resultados das eleições há pouco realizadas na Austria e na Hungria, são sintomas inequivocos dum propósito firme de resistência á penetração soviética. Mas esses sintomas, bem como a firmeza inicialmente afirmada pela Turquia, perante a denuncia do pacto de Paris, tendem a esbater-se ao contacto da acção diplomática da influência económica e da pressão militar da U. R. S. S.

Uma tentativa para vertebrar as unidades nacionais dos Balcans e da Europa Central sobre a ideia negativa de resistência á penetração crescente duma grande potência, em vez de fazer apelo á sua originalidade e ao seu interesse, arrisca-se a deparar com a mesma técnica de «dissociação progressiva» que conduziu ao triunfo cómodo da diplomacia pueril de Ribbentropp sobre a solidariedade anti-revisionista das nações frágeis que o Quai d'Orsay arquitectara para contrabalançar o dinamismo germanico.

A Pequena Entente foi liquidada em Munich pela carência do Ocidente. A Entente balcanica, incomparávelmente mais frágil, sucumbiu pelo mesmo motivo no dia em que a Roménia se decidiu a abandonar a neutralidade perante o espectáculo da derrota militar da França. A Austria e a Hungria entraram no sistema alemão quando Mussolini trocou a tradição do interesse nacional e do sagrado egoismo pela aventura africana. Os exemplos não são decerto muito encorajadores. A vontade de os ressuscitar depararia com obstáculos fáceis de prever. Mas a partida de que depende, em ultima análise, o futuro do Novo Continente, é de tal magnitude que justifica todas as tentativas e todos os esforços.—C.F.

Beatriz Costa

está tão rica que não representa mais?

Frederico Valério, maestro bem conhecido dos nossos teatros populares, regressou, no «Serpa Pinto», de uma larga temporada no Brasil, onde trabalhou nos casinos de Copacabana e Urca, e, ainda com a companhia de operetas e revistas de que fazia parte Amália Rodrigues.

E' de uma conversa rápida que tivemos com o maestro á mesa de «café» que respigamos as noticias fresquinhas que o Rio nos envia —o Rio da Cinelandia, sobretudo, refulgente de luzes e uma vida trepidante «á Hollywood». Todavia, para ser Hollywood, falta á Cinelandia esta coisa simples: teatro «feérico», feito á base das grandes montagens e um publico exigente a pedir sempre melhor.

Em geral, o publico brasileiro, muito heterogeno, aceita tudo—inclusivamente até aquele teatro português, mesmo que, ás vezes, não satisfaça aos portugueses de cá. Porque, os de lá têm as suas preferências. Por exemplo: não gostam de companhias luso-brasileiras, com elementos recrutados nos dois países.

Por outro lado—ou talvez como das bandas de cá—o publico carioca prefere o teatro musicado e, ainda, na ultima temporada, o excelente actor Jaime Costa, com uma boa companhia e um melhor reportório, registou quase um fracasso.

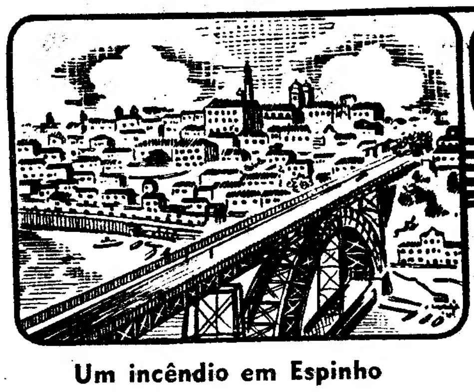
Quando preguntámos pelas tendências do teatro de revista, Frederico Valério, disse-nos que no Brasil o «compére» foi abolido e que o nivel literário e artístico é em geral inferior ao nosso.

Como não podia deixar de ser, faou-se de Beatriz Costa e, então, a grande novidade aparece na boca de Valério:

—Almocei com ela na véspera da partida. Está riquissima. Só a ultima temporada, em São Paulo, lhe deu um lucro superior a dois mil contos. Mas a Beatriz abandonou o teatro—e diz que definitivamente, a partir de Dezembro ultimo. Parte da sua bagagem já veio para Portugal. E cá a teremos de «visita», sem tensões de trabalhar nem de casar, lá para o mês de Maio ou Junho. Beatriz Costa, de resto, continua a ser a vedeta n.º 1 dos brasileiros—talvez até mais querida destes do que da colónia... Ninguém a destronou ainda.

Frederico Valério fala-nos, ainda, do próximo regresso de Amadeu do Vale, demorado só pelo compromisso de escrever algumas peças, e dá-nos conta da sua partida em Maio, para o Brasil, pois irá fazer a inauguração da temporada do Urca, onde levará uma grande orquestra, um cantor e uma parelha de baile, possivelm[illegible] e a Ruth

O CAR[illegible] de Lotus
é insubstituivel nas ameijoas
á espanhola



O PORTO PELO TELEFONE

Um incêndio em Espinho

PORTO, 4.—Hoje, pelas duas horas, manifestou-se incêndio no depósito da empresa de calçado «Atlas», sito na Rua 19, em Espinho.

Foram logo reclamados os socorros, tendo trabalhado na extinção do fogo—que terminou pouco depois de ter sido dado o alarme—as duas corporações locais de bombeiros voluntários.

Os prejuizos em calçado foram elevados, tendo também desaparecido 400$00.

O fogo teve inicio no canto duma prateleira, desconhecendo-se a sua origem que, provávelmente, foi um curto-circuito.

O estabelecimento está encerrado e guardado pela G. N. R.

Novos bombeiros voluntários

Fizeram exame no batalhão de Sapadores Bombeiros, ficando plenamente aprovados, os componentes da ultima escola dos Bombeiros Voluntários Portuenses, srs. Francisco Costa Dias, Manuel João Miranda, Fernando Marques Neiva, Manuel José Gaspar, Licinio Bastos e Alfredo Alves dos Santos.

Após o exame, os novos bombeiros reuniram-se num jantar de confraternização, ao qual assistiram, entre outros convidados, o comandante António Martins, António Amorim Junior, chefe-adjunto, o segundo patrão Cabral Borges e os primeiros patrões Ferraz Carneiro e Guilherme Carvalho, delegado do «Diário de Lisboa» nesta cidade.

Navio-escola espanhol «Galatea»

Inesperadamente, entrou hoje, em Leixões, o navio-escola da Marinha de Guerra espanhola «Galatéa», em viagem de instrução aos cadetes e que ali arribou devido ao mau estado do mar. Desembarcou um oficial que veio ao consulado do seu país dar conhecimento oficial da chegada, ao nosso porto, daquela unidade da Marinha do país vizinho. A' tarde deve ir a bordo o cônsul espanhol apresentar os cumprimentos da praxe, seguindo-se a visita do comandante do barco. Devem ser apresentados cumprimentos reciprocos das autoridades maritimas portuguesas.

Aniversário do Orfeão do Porto

Com uma sessão solene e distribuição de prémios a internados de casas de caridade, encerram-se ámanhã, pelas 21 e 30, as festas do 36.º aniversário da fundação do Orfeão do Porto, sendo orador o dr. António Cruz, director do Gabinete de História da Cidade, que fará uma conferência subordinada ao titulo «As canções populares portuguesas—sua recolha e divulgação com o fim de melhor ser estudada a própria alma do povo». Durante a sessão, para a qual foram convidadas as autoridades, será distribuido pela 2.ª vez o prémio «Orfeão do Porto» ao aluno do Conservatório de Musica que durante o ano melhores notas obteve no curso superior de composição.

Ordem dos Médicos

Reune-se novamente no próximo dia 9 a assembleia geral ordinária da Ordem dos Médicos, secção regional do Norte. A' de sábado passado, que se efectuou no salão nobre da Faculdade de Medicina, assistiram mais de quinhentos médicos desta cidade e provincia, tendo-se prolongado até ás 3 horas da madrugada em virtude das discussões e longa votação, pois o numero de votantes foi de 750 devido a representações, e ocasionada por uma proposta do sr. dr. Felismino Madeira, a qual foi regeitada.

Agressão

Recolheu ao hospital com o cranio fracturado, Pedro Alves de Oliveira, de 35 anos, casado, sapateiro, da Areosa, que ali foi agredido na noite passada.

Polícia mordido por um cão

Quando esta manhã andava de giro na Rua Aires de Ornelas foi mordido por um cão o guarda da P. S. P. Manuel da Silva Oliveira, residente na Rua Dionisio dos Santos Silva. Recebeu curativo no hospital da Misericórdia.

Roubo de objectos de oiro

Apresentou queixa, na Polícia de Segurança Publica, Luísa Nogueira, moradora na Rua das Carvalheiras de Baixo, a quem, na sua residência, furtaram, duma mala, objectos de oiro no valor de 6.000 escudos.

Colégio espanhol

Abriu hoje, com elevada frequência de alunos, as aulas dos cursos elementar, médio e superior, no Colégio oficial espanhol.

Escola de Belas Artes

Dão hoje, ás 17 horas, na Escola de Belas Artes, a primeira lição de Urbanologia os arquitectos srs. Moreira da Silva e Brito e Cunha, respectivamente professor e assistente da ferida cadeira.

Conferência

Sob o tema «A canção da morte na poesia tagoreana», realiza hoje, ás 21 e 30, no Clube Fenianos Portuenses, uma conferência, o sr. dr. Froilano de Melo, deputado pela India e director da Escola Médica de Nova Goa.

Movimento maritimo

Na barra do Douro não houve movimento esta manhã, tendo entrado em Leixões, a fim de ali carregar géneros, o vapor espanhol «Hita».

Correspondência de Eça de Queirós

para a imprensa brasileira

um dos mais célebres nomes da moderna literatura brasileira — Manuel Bandeira — dá-nos belas páginas subordinadas a este título, no Livro do Centenário de Eça de Queirós, editado por Livros do Brasil, Rua Vitor Cordon, 29.

Mobilias Modernas Esmaltadas
Preços especiais de Fabricante
Fábrica de móveis C. LUC
Salões de Exposição e venda
240 - Av. da Liberdade - 240
Esq. da R. Alexandre Herculano

EM 3 LINHAS

Faz hoje 411 anos que nasceu Luiz de Camões.

///

Completam-se ámanhã nove séculos sobre a morte de Catão, famoso filósofo romano.

///

Vai ser lançada, para Angola, uma emissão de 8.000 contos em moedas de $50, $20 e $10, ao todo 38 milhões de moedas. Terão a legenda «Colónia de Angola».

///

As conservas de peixe e marisco produzidas em Lagos, Portimão e Lagoa, destinadas a exportação, ficam sujeitas ao imposto de 1 por cento «ad valorem», para a Junta dos Portos de Barlavento.

///

O chafariz das Laranjeiras, que há tempo havia sido apeado para rectificação da rua, já foi colocado no mesmo local, mas com orientação diversa. Desapareceu a decorativa rotunda.

///

Existem 220 firmas exportadoras de frutas inscritas no respectivo grémio, com numero de votos diversos.

///

De futura pela concessão de passaportes e certificados de identidade e viagem não são devidos emolumentos, nem imposto de selo.

///

O padre Silva Rego, missionário de Singapura, continuará até ao fim do ano as investigações históricas nos arquivos da Europa sobre o Patriarcado do Oriente.

///

O dr. Mendes Correia contou na Assembleia Nacional que, em Bissau, a familia de um doente consentiu que este fosse hospitalizado com a condição expressa, sob pena de indemnização, que o doente fosse devolvido perfeitamente são e curado.

///

O juro das 100.000 obrigações que a União Eléctrica Portuguesa vai emitir é de 3 e 3/4 por cento e não de 3 por cento.

Centenário de Röntgen

A sessão de encerramento das comemorações deste Centenário realiza-se hoje, pelas 21,30 horas, no Hospital dos Capuchos, em que falará o Professor Aleu Saldanha, sobre: «Valor da Radiologia Ossea como índice de algumas afecções gerais» e Dr. Ayres de Sousa sobre «Evolução da Semiótica Radiológica». Esta sessão será presidida pelo Professor Egas Moniz.

A' procura de um milhão de alemães

na zona de ocupação britânica

(Continuação da 1.ª pag.)

— Estes alemães não tinham já vontade de combater. Nem por isso tinham deixado de trazer consigo tudo quanto haviam salvo da batalha: espingardas, metralhadoras, camiões, carros. Desarmar semelhante multidão não era fácil e arrumar aquela gente toda não se podia conseguir sem recorrer aos quadros alemães. Foram, com efeito, os oficiais alemães que reuniram as tropas que andavam errantes e que, dos fragmentos de cinquenta formações, formaram novas unidades «administráveis», conduzindo-as, por fim, ás zonas de concentração designadas pelos ingleses.

Uma destas zonas encontrava-se na costa do Holstein, a Norte do estuário do Elba. Ali vieram encalhar os restos do Corpo Witthof. Outra zona, na costa de leste, ficava entre o Báltico e a estrada de Kiel a Lubeck, havendo sido atribuida ao Corpo Stockhausen.

Não havia suficiente numero de palheiros ou quaisquer outro edificios para alojar a décima parte dos vencidos. Os ingleses forneceram barracas e tendas de campanha. Os alemães construiram casotas, cabanas de toda a espécie, de barro, de terra, de madeira, de palha. Era o Verão. O país é rico e, pior ou melhor, os abastecimentos organizaram-se.

No interior da peninsula organizaram-se destacamentos de ligação alemães, em Kiel, em Hamburgo, onde quer que existissem P. C. britanicos. Entretanto, os centros de desmobilização funcionavam. Em fins do outono, a «zona Witthof» esvasiara-se. Os ingleses começaram por desmobilizar (era o mais rápido) os prisioneiros naturais das provincias ocupadas por ingleses e americanos. Na zona «Sockhausen»—perto de Eutin—existiam cinco acampamentos de tendas, hoje abandonados. Sei, por ter falado com o pessoal do sitio, que num destes cinco acampamentos foram desmobilizados 80.000 alemães. Como os outros acampamentos deviam ter igual numero de homens, é de supor que 400.000 alemães se encontravam libertos para a vida civil, há um mês, na zona Stockausen.

Os ingleses como «em casa»

De Hamburgo três estradas principais sobem em leque para Norte. A da direita vai para Lubeck, a do meio para Kiel, a da esquerda para Itzehoe, Rendsburg, Schleswig e Flensburg, na fronteira daneza.

Percorri essas estradas e mais algumas transversais. Que se vê por ali? Pequenas cidades ocupadas por ingleses. Estão perfeitamente á vontade, «at home»: Union Jack, Military Government, Garrison Cinema, Crusader Club, Officers Mess, chá ao levantar, chá das cinco, God Save the King no fim dos espectáculos. Onde exista quartel ou gendarmaria, encontra-se habitado pelo regimento real. Os carros encontram-se nos pátios, muito envernizados, pintados de fresco. Os M. P. usam «kepis» escoceses, as sentinelas cinturão branco. A polícia local é alemã, como sucede em toda a Alemanha. Vêem-se também alemães amputados, ás duzias, soldados alemães com fardas de manobra, conduzindo carros de forragens e lenha, e outros ainda com o ar de andarem de licença, passeando sem nada que fazer, pelas estradas e pelos passeios.

—Que anda a fazer por aqui?

—Estivemos uns meses no «comando», na quinta tal... Rachávamos lenha. Agora estamos libertos. Vestir o fato civil, se encontrarmos algum. Desejavamos voltar á nossa terra.

—Donde é?

—Das provincias do Leste.

Por dez vezes, em duzentos quilómetros, fiz as mesmas perguntas e as respostas eram sempre as mesmas. «Se fossemos do oeste, já nos teriam mandado para casa. Mas somos do Leste...».

Para os naturais da Prussia Oriental ou da Silésia, territórios atribuidos á Polónia, não se trata de voltar para casa, porque os polacos estão a expulsar os alemães. Quanto aos naturais da zona russa, a atitude tem variantes. Se têm notícias da família —que é, aliás, o mais frequente—querem regressar e só esperam pela ordem de transporte. Os que não têm notícias hesitam em aventurar-se ao desconhecido. Por fim, quase todos os oficiais, pertençam á categoria que pertencerem, querem, parece, ficar no Oeste.

—E' possível que os russos não se metam connosco—explicou-me um deles.—Mas também é possível que nos metam em acampamentos ou nos levem. Nesta incerteza, duvido muito que sejam muitos os que queiram regressar.

—De que viverão?

—Dum emprego qualquer civil e, se for preciso ir para as estradas britar pedras, mais vale que seja aqui deste lado.

Sentinelas alemãs

Até meiados de dezembro, pouco mais ou menos, o acesso á zona Stockhausen—os ingleses chama-lhe simplesmente zona F—estava absolutamente interdito. As sentinelas alemãs detinham toda a gente, mesmo os agentes uniformisados da UNRRA. Mas há dias a proibição acabou e eu aproveitei.

Nestas paragens os ingleses são uma fraca minoria afogada na massa de alemães. Soldados, sargentos, oficiais alemães por toda a parte, claro que desarmados (não encontrei um só sequer com um revolver) mas todavia tão numerosos como nas proximidades dum campo de manobras no tempo do Wehrmacht. Andam a pé, de bicicleta, de camião, de sidecar, ás vezes de carrinhola. Habitam, perto das aldeias, em barracas bastante primitivas, feitas de madeira, de todos os modelos e todos os tipos. Levantaram á beira das estradas choupanas de argila e pranchas. As principais localidades desta zona lembram os acantonamentos, a pequena cidade de guarnição alemã, um centro de licenciados. Por detrás das vidraças dos cafés vêem-se oficiais alemães á mesa. Nas ruas um Wehrmacht que arrasta os ocios, porque por toda a parte, com efeito, a atmosfera é de ocio.

Efectivamente todos estes homens esperam. Esperam simplesmente a desmobilização! E não tardará.

—Em fim de Janeiro—disseram-me todos eles—não haverá já ninguem aqui. Amanhã, na próxima semana, licenciar-nos-ão.

O ex-Quartel General do Corpo Stockhausen, a leste da estrada de Kiel, é hoje um lugar deserto. Em Oldenburgo, perto do Báltico, os alemães tomam disposições para evacuar o quartel, que passará a escola de tiro britanica.

—No fundo—disse-me um jovem tenente inglês—é pena que se vão. Trabalhavam bem, reparavam as estradas, faziam as nossas fachinas, limpavam os nossos carros...

Pena ou não pena, o caso é que os alemães vão-se embora ou, pelo menos, passam a ter a liberdade de passar a linha de demarcação anglo-soviética. Mas os que quiserem ficar a ocidente, podem faze-lo.

De Heiligenhafen, no Baltico, a St. Peter, no Mar do Norte, vão quase 200 kms. De Hamburgo á fronteira dinamarquesa, uns 180. O territorio, francamente ondulado, é uma espécie de parque arborizado, semeado de quintas, cortado de silvados e matagais. A norte, no fiorde de Gluecksburg, subsistem, segundo me afirmaram, pequenos grupos de soldados alemães, comandados por sargentos, que se habituaram a uma vida semi-selvage. Roubam galinhas, gado, ovos. Os rendeiros queixam-se.

Quarquer dia destes os ingleses acabam por apanha-los e como os outros passarão por um qualquer centro de desmobilização e serão licenciados. A maioria voltará para as suas casas. Mas hão de passar os anos e ainda se verão destes alemães nas aldeias e pequenas cidades alemãs, levando os seus capacetes esverdinhados, as botas de cano curto, os impermeáveis ! zidios da Wehrmacht. Marcharão de mãos nas algibeiras, o sobrecenho carregado, a face esmaecida. E declararão:

—Fui apanhado pela capitulação. Mas nunca me rendi. Nunca ninguem conseguiu, realmente, fazer-me prisioneiro.

Viverão dum oficio mediocre qualquer ou do socorro publico. Serão os semi-reformados do III Reich, a metade do soldo.

PIERRE FREDERIX

(Copyright 1946 by A. F. P.— Paris. Todos os direitos reservados).

A indústria

está a receber

mais açucar do que precisa

para seu consumo

Os géneros racionados ainda não foram distribuidos ao publico, o que causa grande transtorno, como é fácl de calcular, visto que a maioria das pessoas não tem possibilidade de adquirir esses géneros no «mercado negro» por falta de meios.

O açucar racionado é distribuido com grande atraso ás mercearias. No entanto, a industria recebe-o em quantidades superiores às suas necessidades e capacidade de produção. Mas, como receia que lhe cortem, os contingentes indispensáveis à sua laboração, não tem outro remédio do que fazer o sacrificio de ficar com o açucar que lhe mandam. As industrias pequenas vêem-se por vezes em apuros, pois são obrigadas a empatar grandes importancias em açucar, quando não têm maneira de lhe dar saída, a não ser vendendo-o a particulares ao preço por que o grémio lho factura, que é de 12$00 cada quilo.

Ora, havendo tanto açucar, não se compreende que se mantenha ainda o racionamento para o publco e se atafulhe a industria dêste produto, que ela não consegue consumir, tanto mais que existem 3 qualidades de açucar para a industria.

Para o caso chamamos a atenção de quem tem a responsabilidade de abastecer o publico, que está actualmente pior do que durante o periodo da guerra, em que os géneros racionados eram distribuidos com mais regularidade. Para mais são estas demoras e atrasos injustificaveis que alimentam o «mercado negro» e permitem o seu desenvolvimento.

Manteiga a 50 e 60$00 cada quilo!

Nas manteigarias e mercearias escasseou a manteiga há muito tempo. No entanto, ás escondidas, tem aparecido á venda, por favor, em vários lugares de hortaliça e noutros estabelecimentos, ao preço de 50 e 60$00. Segundo nos dizem, esta manteiga, vendida em «mercado negro», é adquirida no Norte ao preço de 40 e 48$00 o quilo.

Como é sabido, a manteiga está tabelada e não pode ser vendida por preço superior a 33$50, sem sal; meio sal, 33$00 e com sal 31$00.

«Mercado negro»... ás claras

LUSO, 3.—Lavra nesta vila enorme descontentamento pela tardia e escassa distribuição de géneros alimenticios, uma vez que ainda não foram recebidos pelos comerciantes locais os fornecimentos de Janeiro.

Talvez por isso tem-se chegado ao desplante de vender, nas feiras, sem o menor rebuço, açucar a 20$00, arroz a 10 e 12$00, massas nacionais a 10 e 12$00 e sabão a 12 e 14$00 cada barra.

Carne para ámanhã

No Matadouro Municipal de Lisboa, foram hoje abatidos, para consumo publico de amanhã, 102 bois, sendo 7 para os hospitais; 62 vitelas; 120 cabras; 615 carneiros; 25 cavalos e 16 suinos, sendo 15 para a industria e 1 para particular. Para consumo publico é que não aparece um unico, pelo que o toucinho fumado já se vende a 39$00 o quilo.

No porto de Londres

estavam anteontem 108 navios

LONDRES, 4—O «News Chronicle» diz hoje que o porto de Londres se transformou no mais activo do Mundo tendo quási todos os cais ocupados. O jornal acrescenta que, no fim da semana havia nas docas de Londres 108 navios mercantes, sendo 12 britanicos. O congestionamento do porto teria sido ainda maior se as violentas tempestades não tivessem atrasado a chegada de muitos navios. O jornal diz ainda que, segundo as autoridades do porto de Londres, alguns navios atrasaram propositadamente a marcha, em face da noticia do congestionamento do porto. Esse congestionamento não foi contudo provocado por falta de actividade dos estivadores, mas porque alguns navios, de construção antiga, exigem muito tempo para a sua descarga.—(R.).

Eleições na Checo-Eslovaquia

PRAGA, 4—A Checo-Eslováquia está a preparar-se para uma aberta campanha eleitoral.

Cada partido vai contribuir com o seu maior esforço, mas todos os chefes politicos estão de acordo com um ponto de vista: nenhum partido ganhará uma maioria absoluta.—(U. P.).

Conversações aeronauticas

entre a Inglaterra e a Dinamarca

COPENHAGUE, 4 — Uma delegação aeronáutica britanica, compreendendo representantes do Ministério do Ar e da British Overseas Airways, chegou a Copenhague, ontem, á tarde, e iniciou imediatamente as conferências com as autoridades dinamarquesas de transportes aéreos.

Os britanicos propõem um novo tráfego adicional entre a Grã-Bretanha e a Escandinávia e oferecem-se para pôr á disposição da Dinamarca os planos e o pessoal necessários. — (Reuter).

ASSEMBLEIA NACIONAL

Na Assembleia Nacional reuniu-se hoje a Comissão de Economia para estudar o parecer da Camara Corporativa acerca da proposta de lei de Melhoramentos Agricolas, que entra em discussão na sessão de ámanhã.

SOCORRO SOCIAL

A comissão central do Socorro de Inverno já iniciou os trabalhos no sentido de auxiliar os repatriados de Timor que devem chegar no «ngola» no próximo dia 14.

PRESIDENCIA DO CONSELHO

Com o sr. presidente do Conselho trabalhou esta manhã o sr. ministro da Marinha.

O Chefe do Estado

receberá depois de ámanhã a comissão de madeirenses

A comissão de madeirenses que ontem chegou, no «Serpa Pinto», para entregar ao sr. presidente do Conselho uma mensagem de saudação e agradecimento e convidá-lo a visitar a sua terra, esteve hoje no palácio nacional de Belem, a inscrever os respectivos nomes no livro dos visitantes da Presidência da Republica.

A's 18 horas será recebida pelo sr. presidente da Camara Municipal, nos paços do concelho.

Amanhã, ás 17 horas, será feita a entrega da mensagem ao sr. dr. Oliveira Salazar.

O sr. general Carmona recebe a comissão depois de ámanhã, quarta-feira, ás 16 horas.

PARA O VOSSO ESCRITORIO

Adquiram um dos nossos magnificos móveis: Arquivo-Ficheiro — Prático e seguro

Vários modelos

PAPELARIA VASCONCELOS — RUA DA PRATA, 270

Dr. M. Almeida Amaral

DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS

Retomou a clinica

Av. da Liberdade, 54, 1.º — Telef. 2 8078

A Fortuna É Vária...

Hoje a favor, amanhã contraria. Deve acautelar o seu futuro empregando os seus capitais em valores positivos.

Grande Ourivesaria da Moda

257—R. da Prata (Esq. de Santa Justa)

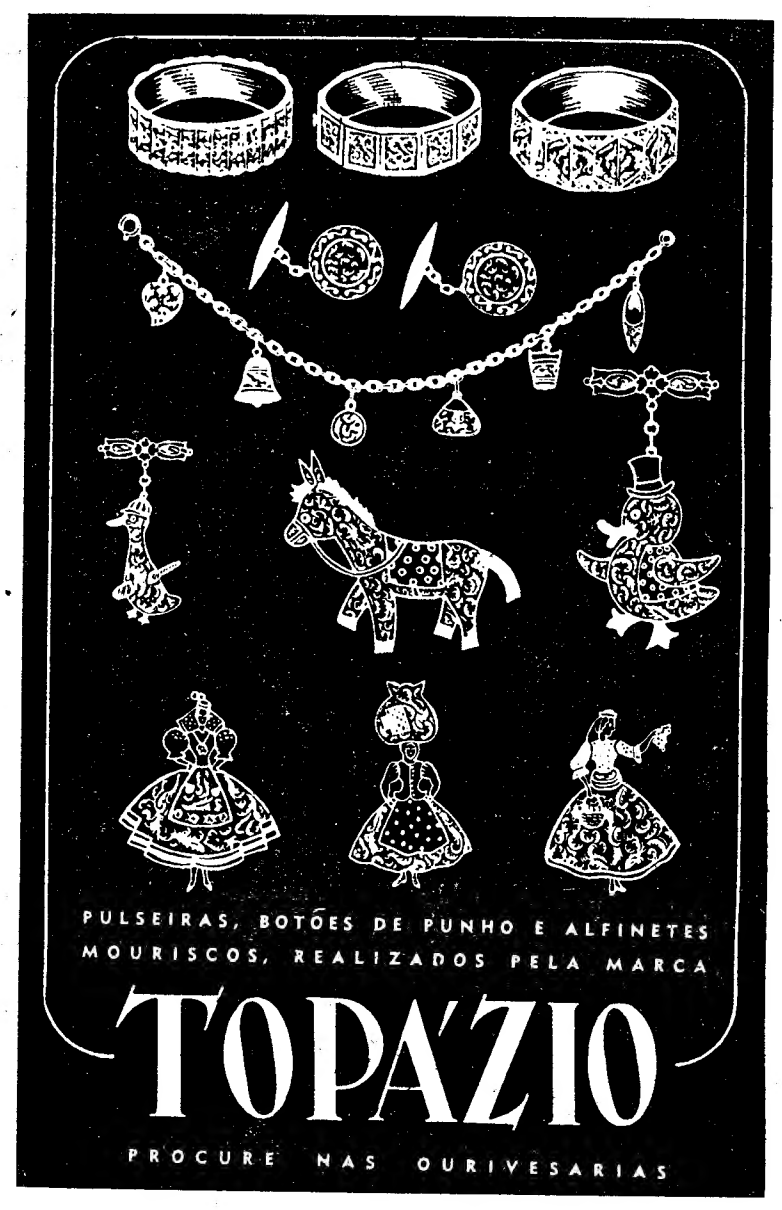
CAMINHANDO JUNTOS!

A arquivista moderna e o sistema de organização de correspondencia **«SEEL VERTICAL VISIVEL»**, tornam num prazer o que era trabalho fastidioso.

Um sistema de organização de correspondencia racional e simples, que lhe dá um maior rendimento de trabalho e um aumento de lucros.

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITORIO, L.da

P. dos Restauradores, 53, 1.º — Tel. 2 4986 — Lisboa
No Porto: ED. PINHEIRO TORRES & IRMÃO
R. dos Clerigos, 44 — Tel. 7171



Batatas para Semente

das variedades

Arran Banner (Imperia)
Arran-Consul
Valencianas
Up-to-dates

Vende para entrega imediata

J. A. Barbosa Marinho

Sede
Moita do Ribatejo
Telef. 23

Escritorio em Lisboa
R. da Conceição, 46, 2.º Dir.
Telef. 27576

RELÓGIOS LINDOS

para homens e senhoras sortido incomparável. Elegantissimos modelos do mais fino gôsto, das melhores marcas suiças de reputação mundial.

Atenciosamente agradecemos a V. Ex.ª o favor da sua visita a esta sua casa

GIRA-SOL
Relojoeiros - import.es
161 — R. do Ouro — 161

DINHEIRO
EMPRESTA-SE

fazendo o maximo sobre todos os objectos
Duque de Palmela, 11
á R. Alexandre Herculano

"55" o Batôn da Moda
não tem rival

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico *EMPRE FIXE*

A Transportadora Setubalense
DE
João Cândido Belo & C.ª, L.da

Participa a todos os Exm.os Clientes que vai restabelecer as seguintes carreiras, como segue:

Dia 2 de Fevereiro:
AGUAS DE MOURA-MONTIJO:
Todos os 1.os e 3.s Sabados de cada mês com incio em Aguas de Moura ás 10,50.
VILA VIÇOSA-TERENA:
Todos os 1.os e 3.os Sabados de cada mês com inicio ás 8,50 em V. Viçosa.
MONTIJO-SAMORA CORREIA:
Todos os 1.os Sabados, Domingos, 2.as e 3.as feiras de cada mês, com inicio em Montijo ás 19,15.

Dia 3 de Fevereiro:
BARREIRO-EST.-V.a NOGUEIRA DE AZEITÃO:
Todos os 1.os Domingos de cada mês, com inicio em V.a Nogueira ás 7,20.

Dia 4 de Fevereiro:
ELVAS-CAIA:
Todas as 2.as feiras, com inicio em Elvas ás 10,05

TERMAS DE MONFORTINHO

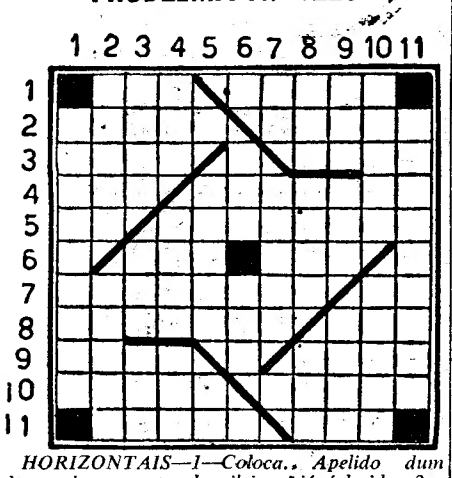
BEIRA BAIXA — Telefone 4

HOTEL DA FONTE SANTA E BALNEÁRIOS

Abrem em 15 de Fevereiro p/ fto.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1220



HORIZONTAIS—1—Coloca.. Apelido dum dos maiores poetas brasileiros, já falecido. 2—Letra grega. Roem. 3—Levante. Carimbe. 4—Pronome possessivo. Filósofo e literato francês fundador com Rousseau e Dalembert da famosa Enciclopédia. 5—Alto aí! Rio da Guiana inglesa que desagua em Georgetown. 6—Preposição e artigo (pl.). Siglas. 7—Sofreis. Povilho 8—Parque. Tempo do verbo ir. 9—Impele o barco com os remos. Pronome indefinido. 10—Amarrara. Oportunidades. 11—Içais. Ribeira de Portugal que juntando-se a outra formam um rio.

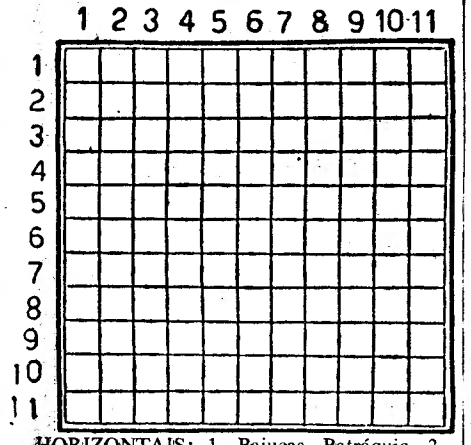
VERTICAIS—1— Descobrira. 2 — Bebedeira (pop). Pequena ala. 3—Nome de mulher. Nome de mulher. Doença. 4—Letra grega. Transmitam gratuitamente a outrem. 5—Vem para baixo. Nesse lugar. 6—Conclusão. Nome próprio duma figura duma peça teatral de Ibsen que dá o nome a essa obra. 7—Andar. Tinha por obrigação. 8—Pelos de certos animais. Datas célebres. Cabelos brancos. 9—Também. Chefe etiope. Cidade capital de distrito do sul do país. 10—Ardor. Força. 11—Tropos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1219

HORIZONTAIS—1—Avelã. Junot. 2—Veloso. Lera. 3—Olá. Um. Mar. 4—Cá. Os. E's. Rã. 5—Sra. Lãs. 6—Junqueiro. 7—Leu. Nas. 8—Ar. Se. Ao. Pã. 9—Bom. Si. Eis. 10—Aias. Oragos. 11—Ossos. Suara.

VERTICAIS—1—Avoca. Nabão. 2—Vela. Rois. 3—Ela. Sul. Mas. 4—Lo. Ornes. So. 5—As. Saques. 6—Ou. Io. 7—Melena. Rs. 8—Ul. Saião. Ai. 9—Nem. Srs. Ega. 10—Orar. Pior. 11—Taras. Cassa.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 197



HORIZONTAIS: 1—Baiucas. Batráquio. 2—Bucha. Partiam. 3—Pequenos toros de lenha. Patrão. 4—Emparelhar. Alternativa. 5—Peça da espingarda. Sãs. 6—Ceu. Enfraquecem. 7—Elos. Péga. 8—Textualmente. Campeão. 9—Interstícios. Artigo definido (ant.º). Nota de musica. 10—Que desperta o apetite. 11—Nivelam. Concelho do distrito de Coimbra.

VERTICAIS: 1—O salto do calçado. Igual 2—Acometer. Caldo com alguma substancia solida. 3—Titulo honorifico. Nome de homem. 4—Repercussões. Peça de ferro que lançada no fundo da água segura as embarcações. 5—Fizeste girar. Consentimento. 6—Fábrica de loiça de barro. 7—Queimados. Aqui está. 8—Apelido. Sistema montanhoso da costa mediterranea de Marrocos, Branco. 9—Andava. Camareiras. De outro modo. 10—Cheias de ramos. 11—Estimou. Rancho.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 196

HORIZONTAIS: 1—Pegados. Pb. 2—Regra. Calor. 3—Eduardo. Idi. 4—Piaçá. Rubra. 5—Sio. Ré. 6—Os. Béca. 7—Bolseiro. Tu. 8—Oleado. Lura. 9—Sensacional. 10—Ni. Coaram. 11—Perdessemos.

VERTICAIS: 1—Reprobos. 2—Pedi. Solene. Eguas. Lenir. 4—Graciosas. 5—Aarão. Edace. 6—Brocos. 7—Ocorrer. Ias. 8—Sá. Colore. 9—Libra. Unam. 10—Podre. Tramo. 11—Iria. Qual.

COLISEU DO PORTO TEL. 5196
Só hoje e àmanhã
O famoso circo
KNIE, da Suíça
com as suas extraordinárias atracções.

Teatros e Cinemas

Primeiras representações

«A Bonequinha do Porto», no Sá da Bandeira

PORTO, 3.—As peças de Arnaldo Leite e Campos Monteiro reflectem sempre as mais puras virtudes e sentimentos da gente humilde do povo, daquele povo que sente, ama e trabalha. Os casos que eles teatralizam, são o dia a dia dos bairros, das «ilhas», ou até de certas ruas do Porto, casos que muito bem podem ser passados nas «vilas», nos «patios» e até em certas ruas de todas as terras portuguesas, incluindo a capital.

O seu teatro é sádio, simples, de fácil compreensão, conseguindo muitas vezes ou quase sempre entenecer, para de repente nos fazer rir com vontade, franca e despreocupadamente.

A «Bonequinha do Porto é de acção singela, sem obrigar o espectador a grandes conjecturas, mas faz vibrar os nossos melhores sentimentos, amolecer a mais endurecida sensibilidade, acordar as nossas mais íntimas manifestações anímicas.

Fugindo um pouco da vulgar intriga do bairro, do «rodriguinho» e daquele fim que toda a gente fácilmente adivinha logo no decurso das primeiras cenas, «A Bonequinha do Porto» é um espectáculo que se vê e ouve com o maior agrado. Bem escrita, bem musicada e excelentemente interpretada é peça de agrado certo aqui e em toda a parte. A peça está bem carpinteirada, e até, digamos com toda a franqueza, apresentada com certo ar de frescura e luxo, que não fica nada mal, mesmo a uma peça de caracteristica popular. E dizemos isto, para que não se julgue que os autores ou a empresa Piero transplantaram para o palco do Sá da Bandeira a Viela dos Gatos, os Pelames ou a Rua Escura com todas as suas imundicies e odores insuportáveis. Não, nada disso. A Sé, aquele populoso bairro que é orgulho dos velhos tripeiros, também se sabe lavar, e por vezes perfumar... E' assim «A Bonequinha do Porto».

Da interpretação, apenas diremos que havia certa curiosidade em vêr Saluquia Rentini, que o publico já muito bem conhecia do pequenino teatro metálico desmontável, que percorria o país de lés a lés, como sua «estrela». Nós tinhamos a certeza de que a jovem Saluquia não estranharia a mudança de ambiente. Assim foi, de facto. Saluquia foi uma revelação para os que a não conheciam e ignoravam a existência de mais uma azougada artista, jovem e graciosa, que não receia confrontos, dizendo e contracenando como as nossas melhores artistas do género. Pena é que a voz nem sempre a ajude, mas nem sempre as nossas melhores artistas foram as que melhor cantaram e vice-versa.

Maria Salomé fez uma boneca como há muitas, em que a frivolidade é a sua melhor qualidade. Muito bem, com elegancia e correcção. Cremilda de Oliveira mantem integras todas as suas altas qualidades de comediante, que está na opereta como peixe na água. Elvira Velez, num papel muito passageiro, evidencia bem, apesar disso, que é uma artista firme e segura no seu trabalho. Maria Mesquita, que parece ter voltado ao teatro definitivamente, marca bem os seus méritos, s... de lastimar que se não tenha firmado há mais tempo na profissão.

Soares Correia é o artista querido do publico e que á peça dá um relevo que outro qualquer teria muita dificuldade em fazer notar. Erico Braga, muito senhor de si, tanto é capaz de vestir uma casaca impecável e interpretar um diplomata, como é artista para encarnar um fabricante de bonecos, modesto, de indumentária condizente. Alberto Reis e Domingos Marques tiveram a seu cargo a parte cantante da peça, que mereceu rasgados elogios e aplausos vibrantes. Os coros bem afinados e bem marcados.

A musica de Bernardo Ferreira e Fernando de Carvalho é um mimo. O Fado das Guitarradas cantado por Saluquia e Alberto Reis foi cantado numerosas vezes e o publico da plateia e galeria acompanhou a preceito. A encenação é de Erico e a montagem de Pie... com cenários bem pintados e de efeito. Houve uma cena, passada na estação de S. Bento, que o publico, notando o seu realismo, aplaudiu. O guarda-roupa é bom.

Nos finais de acto o publico fez chamadas especiais, salientando-se nos seus aplausos á simpática Saluquia, que desta feita atingiu a sua maior aspiração:—passar do pequenino teatro metálico de sua mãe para os grandes palcos do Porto e... Lisboa, o que ámanhã deverá ser um facto, dado o exito firme por ela conseguido já no Sá da Bandeira.—G. de C

SÁ DA BANDEIRA
TEL. 2595
A opereta popular de grande espectáculo
A Bonequinha do Porto
com Salúquia Rentini, Erico Braga, Soares Correia, Maria Salomé, Alberto Reis, Domingos Marques, Elvira Velez, etc.

Ópera lírica

«Luccia de Lammermoor», com Tomás Alcaide

«Luccia de Lammermoor», de Donizetti, repetiu-se ontem, domingo, mas com a atracção de Tito Schipa trocada pela atracção do tenor português Tomás Alcaide. E as ennchentes já se contam por espectáculo.

Todo o resto do cartaz mantem-se na mesma, e Marimi del Pozo tornou a encantar a todos; não a prejudicou, antes pelo contrário, um pouco mais de convicção a representar.

O publico quis tambem destacar o baixo Marco Stefanoni, no 3.º acto.

Quanto a Tomás Alcaide, convem começar pelo fim, pois que resevou o melhor do interesse deste seu novo cometimento para o ultimo quadro,—de facto muito importante para o tenor. E pelo que conseguiu nesse quadro, não bem no recitativo de entrada, onde continuou a esbarrar com o insuficiente domínio da voz, mas nas duas árias, deixou-nos pensar que bem podia ter-se dedicado mais seriamente ás cenas antecedentes. Uma emissão que não vem a tempo e horas, uma insegurança constante, não nos permitiram apreciar a grande cena do 2.º quadro, nem a cena da provocação, embora mais defendida pelos complementos.

O publico, no final, aproveitou, sequioso, o ensejo de festejar Alcaide; mas seria pena que se iludisse com esse natural carinho e simpatia.

FRANCINE BENOIT

EFEMÉRIDES

1859—Nasceu em Lisboa a actriz Palmira Beatriz Ferreira, conhecida no teatro pela Palmira Loura. Trabalhou em vários teatros, entre eles D. Maria, mas só no Porto fez exito, numa companhia de Emilia Adelaide. Uma das ultimas peças que representou, no Principe Real, foi a «Náná», de Emilio Zola. Faleceu com 29 anos de idade e 15 de teatro.

Faz hoje anos: o escritor teatral Abreu e Sousa (Manuel Gustavo de Abreu e Sousa); e *amanhã:* o maestro-compositor Fernando de Carvalho (Fernando Carneiro Nogueira de Carvalho).

Atrás do reposteiro

Quase todos os artistas que regressaram ontem do Brasil foram imediatamente convidados, ainda a bordo, por algumas das nossas empresas.

—Para a companhia que o empresário Piero está a organizar para levar á provincia as revists «Alto lá com o Charuto!», «Bollacha Americana» e «Viva o Porto!», foram convidadas as actrizes Dina Teresa, Virginia de Noronha e Branca Gaspar.

—O pintor Manuel Lima, está a trabalhar numa artistica cortina para a revista «Travessa da spera», em ensaios no teatro Maria Vitória.

—Não é na Casa do Ribatejo, mas sim na Casa do Alentejo, que reaparece, no próximo dia 24, a organização musical Joy's Brothers.

—Nos dias 5, 6, 7 e 8, a companhia do teatro Maria Vitória, em «tournée», dirigida pelo empresário João Alves da Silva, trabalha na Covilhã.

—Todas as empresas de teatro e cinema estão já a organizar os seus programas de Carnaval. Para esses espectácuos a Agencia Carlos Dubini contratou já algumas das melhores actuações.

—A actriz brasileira Vanise Meyrelles chega brevemente a Lisboa, para ingressar numa grande companhia de operetas e revistas.

Cinema nacional

O realizador Santos Mendes, depois da «Matinée ás 4», deverá realizar em Portugal ou em Espanha, o filme «Sabotagem».

—Terminaram as filmagens dos interiores do filme «Cais do Sodré».

—No novo filme «Três dias sem Deus», participam os actores Alfredo Ruas e João Perry.

—Seguiu para o Porto o realizador Armando de Miranda, que foi tratar do seu novo filme «Uma vida para dois».

—E' amanhã a penultima noite da Grande Companhia de Opera Italiana, com a festa artistica do celebre «divo» Lauri Volpi, que cantará os 1.º e 4.º actos da opera «Bohème» e o 3.º acto do «Trovador».

ESPECTACULOS NO PORTO

SA' DA BANDEIRA—«A Bonequinha do Porto».
COLISEU DO PORTO—Companhia de circo Knie.
S. JOÃO—«Henrique V».
RIVOLI—«A Loira Incendiaria».
AGUIA DE OURO—«Pesadelo».
TRINDADE—«Saharà».
OLIMPIA—«Namorada».
JULIO DINIZ—«Mademoiselle Bonaparte».
CARLOS ALBERTO—«Um perigo em cada porto».
ODEON—«O Submarino Heroico».
SA' DA BANDEIRA—«A Bonequinha do Porto».

NEON ABILIO QUEIRÓS & C.ª L.DA
RUA DE SANTA CATARINA, 130
TELEFONE 4986 PORTO

DE LUTO

D. Bernardina Constantino Breia

MURÇA, 4—Faleceu ontem, na sua casa do Seixo, desta vila, de onde era natural, a sr.ª D. Bernardina Constantino Breia, dedicada e virtuosa esposa do sr. Basilio Constantino Breia, proprieário e antigo presidente da Camara, e mãe estremecida do nosso querido conterraneo sr. Américo Constantino Breia, sócio da importante firma Seabra & C.ª, do Rio de Janeiro, e das sr.as D. Judite Breia da Fonseca, professora oficial, e das sr.as D. Filomena e Ermelinda Constantino Breia.

O triste acontecimento causou em toda a vila grande pesar, pois a bondosa extinta era muito estimada por toda a gente. Por isso e pelas constantes benemerencias de seu filho Américo, teve o seu funeral, que se realizou hoje, ás 11 horas, uma concorrencia extraordinária. Nele se incorporaram numerosas pessoas, membros da Camara Municipal, representantes das autoridades judiciais e adminjstrativas, corporação dos bombeiros, banda murçaense, etc.

Vieram representações do próximo concelho de Alijó e outras. Junto do coval proferiu um sentido discurso o antigo notário sr. António Correia da Fonseca, que, no funeral, representou o nosso querido conterraneo sr. Alfredo Pinto. O comércio encerrou as suas portas durante o funeral.

Dr. Custódio de Paiva

Faleceu e sepultou-se hoje o sr. dr. Custódio de Paiva, antigo deputado, que foi o ultimo chefe de gabinete do antigo presidente do Conselho, sr. eng. António Maria da Silva. O extinto, muito conhecido e estimado em Lisboa, era, desde a fundação, um dos sócios e gerente do Café Nacional. Contava 59 anos, era natural de Pedrogão Pequeno e deixa viuva a sr.ª D. Alice David Paiva, a quem apresentamos condolências.

Encarregou-se do funeral a agência Barata.

EM RIOMEÃO
(FEIRA)
O Progresso incessante de uma industria que honra o país

No passado dia 12 do mês passado inauguraram-se com solenidade as magnificas instalações fabris da firma CANDIDO R. CAMBOA. Devotado este industrial ao fabrico de ferragens ferramentas, fundições de metais, etc., impõe-se ao publico a forma como é confeccionado todo o artigo nas suas novas instalações. Representantes de várias partes do País, relacionados á firma CANDIDO R. CAMBOA, realizaram um banquete com a assistência de todos os empregados e operários, findo o qual foram pronunciados discursos e focados os aspectos que orientaram todo o esforço despendido.

Os seus conhecimentos profissionais comprovam o exito desde longa data, pois em 1934, aquele industrial principiava o fabrico de ferragens, apenas com reduzido numero de operários, num simples barracão de madeira como oficina. Conquistada a sua vasta clientela, transformou-se a pequena oficina num esplendido edificio, inaugurado na data festiva, e sendo considerado como o melhor no seu género. Enfim, o progresso incessante de uma Industria que honra o País.

S. JOÃO Telef. 2458 — Em 2.ª semana — HENRIQUE V
Aguia d'Ouro — Estreia do filme PESADELO com Deana Barrymore
Rivoli Tel. 2788 — A's 21 e 30 — Em 2.ª semana — A Loira Incendiária com a explosiva Betty Hultton
TRINDADE Tel. 4412 — **OLIMPIA** Tel. 533 — A's 21 e 30 — Sahará — NAMORADA com Rita Hayworth e Victor Nature
JULIO DINIZ Telefone 9559 — A's 21 e 30 — 2.ª semana do delicioso filme MADEMOISELLE BONAPARTE
CARLOS ALBERTO Telefone 4540 — A's 21,30 — Um perigo em cada porto e Aves de Fogo
ODEON Telefone 4850 — A's 21 e 30 — Ultimas exibições — O submarino heroico

O sistema colonial britânico

comparado com o francês

a propósito da próxima retirada

de tropas britânicas da India

MANCHESTER, 4 — Os estadistas britanicos tentaram abrir caminho através das posições de poder e prestígio para «o povo britanico conseguir elevar-se, ás vezes quase por acidente», diz o «Manchester Guardian» referindo-se á posição britanica no Egipto e na India.

Este problema, que têm enfrentado os dirigentes do Império britanico, é um dos factos mais frisantes da história do Império nos ultimos 30 anos. O artigo acrescenta: «Se alguém tivesse dito, nos fins do século passado, que o Egipto e a India estariam hoje na situação em que se encontram, pensaria que essas coisas apenas podiam acontecer após uma serie de sangrentas revoluções. Em ambos os casos, o problema que se pôs aos estadistas britanicos não foi o de conservarem aquilo que encontraram, mas de o deixarem em termos compativeis com a nossa segurança e as nossas obrigações. Tal é o caso dos acordos com o Egipto e dos nossos sucessivos esforços para encontrar uma solução ao problema indiano. Quando parte para a India a Comisão do Parlamento britanico, o seu objectivo não é persuadir os indianos a que aceitem a direcção britanica, mas persuadi-los a ajustar entre si as suas divergências internas e evitar desta forma a guerra civil quando o exército britanico deixar a India».

As relações com os Domínios

Citando o estatuto de Westminster, que declara que a Grã-Bretanha e os Domínios estavam «num estatuto de igualdade, sem de qualquer forma se acharem subordinados uns aos outros no seu aspecto interno ou externo», o artigo compara os sistemas de cooperação entre a Grã-Bretanha e os Domínios, com o da França.

Relembrando o discurso de Bidault, perante a Assembleia das Nações Unidas, o «Manchester Guardian» diz que a politica francesa «se inspira em ideias diferentes. Os franceses não construiram series de comunidades que se governam a si mesmas, como os Domínios britanicos, afrouxando e, finalmente, retirando a fiscalização do centro. O seu Império é o alargamento da França ultramarina e pensam que o maior serviço que podem prestar a uma raça estranha é aceitarem-na na família francesa, educarem-na na cultura francesa e tornarem-na parceira e serva da civilização francesa.

O exemplo da Síria

Isto é bastante natural: Os franceses foram os mestres da Europa no século XVIII. O seu ideal foi dar aos países que ficaram á sombra da sua bandeira os benefícios que deram á Europa. Desejaram dar aos homens de diversos continentes e de raças diferentes o orgulho dos cidadãos franceses. Sob alguns aspectos, a sua maneira de vêr implica maior afeição e respeito mais profundo do que a maneira de vêr britanica. E' claro que, em ambos os países, esses ideais tiveram de lutar contra interesses e preconceitos. Os artigos que apareceram ultimamente nos jornais franceses mostram que todos os Partidos mais avançados compreendem que são precisas grandes reformas na Argélia, Marrocos e colónias francesas de Africa se a politica francesa quiser realizar os ideais franceses de justiça. Demoras e intrigas fatais, que arruinaram o prestigio francês na Síria, devem ser evitadas a todo o custo. O sistema de mandatos teve uma boa influência na melhoria da administração colonial tanto no que diz respeito á bandeira francesa como no que diz respeito á bandeira britanica. Deve esperar-se que o sistema de curadoria virá a fortalecer essa influência».—(Reuter).

A França

vai propor

a suspensão da ordem de inactividade

na indústria alemã

PARIS, 4.—O Governo francês deve propor uma excepção temporária á aplicação imediata da decisão aliada de suprimir as industrias de guerra alemãs, segundo se soube ontem á noite.

A politica seguida na zona francesa de ocupação foi de fazer entrar em laboração todas as industrias, sempre que a produção pudesse ser util para a reconstrução francesa. Isto aplica-se particularmente ás fábricas alemãs de borracha sintética.

Anuncia-se da zona francesa que as primeiras 300 toneladas de borracha Buna, produzida na Alemanha, serão enviadas dentro de poucos dias para França.

A França deve requerer que se modifique a proibição aliada, de forma a permitir á industria alemã produzir a borracha sintética temporariamente para consumo francês.—(R.).

As razões

da demissão

do ministro dos Negócios Estrangeiros

da Grécia

LONDRES, 4—Sophianopoulos, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da Grécia e representante do seu país na Assembleia Geral das Nações Unidas, cujo subito abandono dos trabalhos e regresso à Grécia provocaram muitas especulações, explica hoje os motivos da sua abrupta partida em artigo assinado no «News Chronicle».

Referindo-se à nota soviética dizendo que o Conselho de Segurança devia examinar a situação da Grécia, onde se encontram guarnições britanicas, Sophianopoulos declara: «Antes de partir de Londres sugeri em vários telegramas a atitude que o Governo grego devia assumir em vista do pedido soviético. O Governo da Grécia não devia permitir discussão publica da situação interna do país perante o Conselho de Segurança. O caso provocaria mais divergências e atrictos a expensas da Grécia, que tem todo o direitó, conforme o art. 2.º, paragrafo 7.º da Carta das Nações Unidas a não permitir que as suas divergências internas sejam submetidas a um tribunal internacional.

Da discussão publica resultariam dois grandes males para a Grécia. Em primeiro lugar, a nossa intervenção não poderia evitar atrictos entre nós e uma ou outra das grandes potências. Em segundo lugar, iriamos involuntáriamente criar um mau precedente admitindo o direito de que qualquer potencia aproveite a primeira oportunidade para discutir os negócios internos do nosso país».

O articulista diz que os seus telegramas ao Governo da Grécia sugeriam tambem que fôsse declarado que a presença das tropas britanicas na Grécia era indispensável até que se realizassem as eleições. Acrescentou que o Governo não sómente rejeitou as suas sujestões mas não fez tambem qualquer declaração de que as tropas britanicas abandonariam a Grécia depois das eleições. Sophianopoulos escreve que a sua substituição foi «rapidamente manobrada» pelo primeiro ministro, Themistocles Souphoulis, que «me acusou de desertar do meu posto».

O artigo continua: «Mas eu telegrafara de Londres dizendo que regressaria á UNO depois de uma completa troca de impressões».

Sophianopoulos declara que, no seu regresso a Atenas, «encontrou-se numa atmosfera tensa, hábilmente criada pelos insensatos e implacáveis politicos das direitas e pelos do chamado «centro» que de facto pertencem tambem às direitas». Continuando o seu artigo, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da Grécia apresenta sugestões que considera necessárias para esclarecer a situação politica no seu país. Reclama uma amnistia completa para garantir eleições livres. O artigo conclue: «Não podemos falar na necessidade de eleições livres e genuinas a não ser depois da concessão dum ampla amnistia. Em segundo lugar, devem cessar os actos de terrorismo de certas organizações e do próprio Estado».—Reuter).

A Assembleia de Londres

e a atitude das potencias

(Continuação da 1.ª pag.)

ficuldade em demonstrar que a presença das tropas britanicas na Grécia não constituia perigo para a paz, o articulista acrescenta: «A situação actual na Grécia apresenta-se de tal forma que sómente a estadia das tropas britanicas oferece probabilidade de eleições livres em Março próximo. A nossa honra politica está profundamente comprometida na Grécia para que arrisquemos um fracasso».

O «News Chronicle» declara que a disputa acerca do caso da Grécia «foi de certa forma proveitosa no sentido de ter trazido á superficie questões latentes Mas, ninguém que conheça como são profundos esses problemas pode encarar a situação sem sérias preocupações. A' primeira vista trata-se dum mero desacordo acerca da Grécia. Mas, na essência, é uma das facetas fundamentais do desacordo anglo-russo que põe em risco toda a organização da paz futura. Cada um dos Governos suspeita do outro. O medo cria o medo e por causa destas suspeições existe, de facto, um conflito onde devia haver perfeita cooperação».

Declarando que a propaganda anti-fascista da rádio de Moscovo e dos partidos comunistas provocou ressentimento na Grã-Bretanha, o articulista observa que, apesar disso, a resposta de Bevin não é de molde a causar ressentimentos em Moscovo. O articulista declara ainda que, a não desaparecerem as suspeições mutuas «a Grã-Bretanha e a Russia podem entrar no caminho de uma inimizade aberta».

O «News Chronicle» diz ainda que se o Mundo Ocidental se deixar arrastar pela doutrina propagada por Hitler de que o inimigo comum é o comunismo, o futuro do Mundo é sombrio.

O jornal trabalhista «Daily Herald» declarando hoje que a reunião do Conselho de Segurança é aguardado com profundo interesse por todo o Mundo, diz que as futuras relações anglo-russas serão moldadas em parte pelo resultado da actual disputa. O jornal acrescenta que «há algum tempo o povo britanico pregunta quais são os verdadeiros objectivos da politica anti-soviética do Governo britanico». O articulista afirma que Bevin, em todos os discursos desde que foi nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros tem atacado vivamente a politica externa da União Soviética e que «nunca houve discursos dessa natureza dos estadistas soviéticos».—(Reuter).

As preocupações da Turquia

LONDRES, 4—Dizendo que se manifesta um grande interesse na Turquia relativamente ao debate do Conselho de Segurança sobre os pedidos da Pérsia e da Russia, o correspondente do «Times», em Iztambul, escreve: «Todos os comentadores manifestam satisfação pelo aspecto que tomou o caso da Pérsia, graças á moderação de todas as partes interessadas. O que é, para os politicos turcos mais importante do que a solução dos casos, é o facto de ter terminado a conspiração do silêncio que se mantinha há algum tempo e que os pontos de vista opostos foram debatidos com absoluta franqueza. Os comentadores turcos mostram-se satisfeitos com o facto de Bevin não se ter limitado a rever a situação da Grécia mas ter trazido á discussão todos os problemas balcanicos. Procedendo assim, Bevin—cuja atitude resoluta e franca conquistou para ele a admiração geral—provocou uma oportunidade para se considerar de novo o problema balcanica podendo assim resolver-se de forma razoável, removendo-se uma das principais causas de atrictos internacionais. Nenhum país se sentirá mais feliz do que a Turquia se as dificuldades dos Balcans forem aplainadas no espirito de moderação que se manifestou no caso da Pérsia».—(R.).

Desastre de aviação

LONDRES, 4.—Os cadáveres dos tripulantes do avião britanico que se despenhou ontem foram encontrados após aturadas pesquisas.

Os cadáveres dos 6 tripulantes do «Dakota» foram encontrados a 6 metros do avião que se despenhou numa montanha de 600 metros.

O avião despenhou-se, devido á escuridão, enquanto, próximo á sua base esperava a oportunidade de aterrar após um voo de treino.—(R.).

A pena de morte em Italia

LONDRES, 4.—A rádio de Roma disse ontem á noite, que o Governo Militar Aliado em Trieste abolira a pena de morte e repelira as medidas introduzidas pelo regime fascista no código penal italiano.

Todavia, a pena de morte continua em vigor para as sentenças proferidas pelo tribunal extraordinário que trata dos crimes fascistas.—(R.).

Audaciosa fuga

de 16 soldados presos

LONDRES, 4—Ontem, de manhã, 16 soldados britanicos fugiram em massa da prisão militar de Northallerton, pouco depois dum serviço religioso na capela da prisão. Os prisioneiros tinham formado em parada no patio, antes de se dirigirem para os seus alojamentos e os 16 homens sairam das fileiras e dirigiram-se a correr para a porta principal que dá para a estrada. Os oficiais de serviço não dispunham de qualquer arma e não puderam assim detê-los. Os fugitivos dispersaram-se em várias direcções, enquanto o comandante da prisão fazia sair automóveis com guardas para cercar a zona. A' meia noite, 12 dos fugitivos tinham sido aprisionados de novo mas os quatro restantes ainda se conservam em liberdade.—(R.).

Tito, chefe do Exército

da Jugoslávia

BELGRADO, 4 — O marechal Tito, por aclamação unanime de ambas as Casas do Parlamento, foi nomeado supremo comandante do exército da Jugoslávia.—(U. P.).

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105 - T 27527